

A transformação do Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia: por que nossos heróis foram trazidos ao Brasil?

1º Sgt Int Bruno Mesquita dos Santos*

Introdução

Desde 1864, quando o Brasil se viu na Guerra da Tríplice Aliança, o país não se envolvia em um conflito bélico fora de suas fronteiras. Em 15 de fevereiro de 1942, no entanto, o navio mercante Buarque foi torpedeado por um submarino alemão, como destaca Fernandes (2013, p. 64). Nesse instante, o conflito chegou ao Brasil, sem que houvesse, por parte do governo brasileiro, qualquer ato de ameaça às nações do Eixo que justificasse tamanha covardia no ataque.

Dessa forma, o presidente Getúlio Vargas declarou guerra contra a Alemanha e a Itália em 31 de agosto de 1942 em resposta aos brutais ataques às embarcações brasileiras na costa nordestina, que vitimaram centenas de civis e militares. Tais circunstâncias avançaram às tratativas com o governo dos Estados Unidos da América, visando ao envio de uma tropa expedicionária, para atuar junto às nações aliadas. Assim, em 2

de julho de 1944, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) embarcou seu primeiro de 5 contingentes com 5.075 homens rumo à Itália (SILVEIRA, 2001, p. 61).

Em 239 dias de operações, as baixas da FEB foram sepultadas no “Campo Santo” de San Rocco, nos arredores de Pistoia, na Itália, até seu regresso ao Brasil no final de 1960.

No caso do Brasil, circunstâncias específicas permitiram o repatriamento dos *pracinhas* enterrados em Pistoia. Podemos entender essas circunstâncias a partir de sua divisão em três fases: a primeira, compreende o período entre a ida para a guerra e a vitória aliada e da FEB; a segunda se inicia no retorno dos heróis à terra natal, até o apogeu militar e prestígio social do comandante da FEB no pós-guerra; e a terceira, a materialização dos esforços do marechal Maceió de Moraes para o repatriamento dos *pracinhas* sepultados em Pistoia.



Figura 1 – Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia
Fonte: Aditância do Exército Brasileiro na Itália¹



Figura 2 – Monumento Votivo Militar Brasileiro
Fonte: Aditância do Exército Brasileiro na Itália

* 1º Sgt Int (ESiE/2006, EsSlog/2017). Possui o curso de Direito pela UNESA (2018) e pós-graduação em Direito Administrativo pela UCAM (2020). Atualmente, serve no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial.

1ª Fase – A FEB entra em combate e a vitória aliada na Segunda Guerra Mundial

“Nosso Exército oferece o seu sangue para a libertação da humanidade. Nossa causa é a das democracias livres”.²

Já em solo europeu, após passar os primeiros dois meses em adestramento, finalmente o 1º contingente da FEB ficou em condições de ir para o *front*. Essa tropa era constituída por elementos do 6º Regimento de Infantaria, a fim de substituir as tropas estadunidenses do II/370º RI e do 434º Batalhão de Artilharia Antiaérea, às 19 horas, horário local, de 15 de setembro de 1944 (MORAES, 2005, p. 73).

O primeiro militar brasileiro a morrer em combate foi o soldado Attilio Piffer, da Companhia de Petrechos Pesados do II/6º RI, em 21 de setembro de 1944, em Vic Santini, vitimado por estilhaço de granada.³ Para atuar nesse contexto inicial de baixas entre os militares brasileiros, por proposta da chefia do Serviço de Intendência da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (BIOSCA, 2020, p. 231), foi estabelecida uma tropa especial provisória, durante o deslocamento do 1º contingente para a Europa.⁴

O Pelotão Especial de Sepultamento, liderado pelo 2º tenente Nilo Manso, ao concluir o adestramento previsto pelo V Exército Americano, com apoio da *Grave Registration*,⁵ iniciou suas atividades, realizando estágio e treinamento nos cemitérios e postos de coleta americanos de Folonica e Vada. Os primeiros pracinhas falecidos foram enviados para esses locais e ainda para os cemitérios civis de Tarquinia e Vada. Com a chegada dos 2º e 3º escalões ao teatro de operações, o Pelotão Especial passou a integrar o 1º Pelotão de Sepultamento, sob as ordens do 1º ten Lafayette Vargas Moreira Brazilian, da Companhia de Intendência, conforme o quadro de unidades especiais da 1ª D.I.E.

Em novembro de 1944, a FEB, ao ser deslocada para o vale do Reno, propôs ao IV Corpo de Exército Americano a criação e instalação de um cemitério militar brasileiro nas proximidades das opera-

ções. Isso foi efetivado em 2 de dezembro de 1944, com a inauguração do Cemitério Militar Brasileiro em Pistoia, para onde foram transladados todos os combatentes já sepultados em outras localidades e, posteriormente, todos os brasileiros mortos no teatro de operações da Itália. Até o retorno para o Brasil, em 1960, 462 militares foram sepultados em Pistoia, 1,82% do total da tropa febiana.⁶

Declarada a vitória das tropas aliadas na Europa, em 8 de maio de 1945, encerrando os conflitos no Velho Continente, os pracinhas realizavam os preparativos para o tão sonhado retorno ao Brasil. Esse desejo foi finalmente concretizado em 40 dias após o fim dos combates na Itália.

2ª Fase – O retorno dos pracinhas e o apogeu militar do comandante da FEB

O comandante da FEB, em 8 de julho, deslocou-se para o Brasil por via aérea, chegando à então Capital Federal, Rio de Janeiro, somente em 11 de julho, após a participação em solenidades e homenagens em Recife.⁷ Já em seu país, o comandante da FEB aguardava a chegada de seus comandados, que vinham de navio da Europa, para as festividades de recepção preparadas por autoridades locais e cidadãos da Capital Federal.

Os primeiros pracinhas desembarcaram em solo brasileiro em 18 de julho de 1945, trazendo consigo as dores e as glórias da guerra, sendo recebidos por uma multidão no centro do Rio de Janeiro, para a “Parada da Vitória” (MORAES, 2005, p. 239).⁸ Havia um misto de sensações: eram sorrisos escancarados do regresso ao lar e o alívio de sobreviver para contar as histórias dos combates na Europa.

Ser o comandante da única tropa latino-americana a ir combater o nazifascismo em solo europeu e retornar ao país com os louros de exército vencedor conferiram ao general de divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes reconhecimento nacional e internacional, a ponto de suscitar, em alguns setores da sociedade brasileira da época, “certa disputa por atenção”.⁹

O reconhecimento ao líder da FEB ultrapassou seus serviços na ativa do Exército, uma vez que, mesmo após dois anos na reserva remunerada, foi promovido ao posto de general de exército e ainda foi revertido ao serviço ativo e investido no posto de marechal, em 12 de dezembro de 1951.¹⁰

Em 1º de janeiro de 1952, o chefe do Executivo realizou uma solenidade para homenagear o marechal, quando demonstrou o apreço do mandatário da nação ao “ilustre soldado”. Foi nesse ano, sustentado pela sua influência e reconhecimento nacional, fortalecido com a ascensão ao posto de marechal, que o comandante da FEB fez o desafiante pedido a Getúlio: “Eu os levei para o sacrifício; cabia-me trazê-los de volta (...).” A partir de então, passou a concentrar seus esforços nas tratativas com o presidente, para cumprir seu maior desejo em relação aos seus comandados que permaneciam na Europa, retrata Mattos (1983, p. 275), isto é, trazê-los de volta à pátria.

3ª Fase – A materialização dos esforços do marechal Mascarenhas de Moraes no repatriamento dos pracinhas

Minha obra de comandante da Força Expedicionária ficaria incompleta se eu não transladasse para o Brasil os despojos dos que tombaram na Campanha da Itália.¹¹

Por iniciativa do marechal Mascarenhas de Moraes e decreto do Poder Executivo, em 10 de outubro de 1952, foi criada a Comissão de Repatriamento dos Mortos do Cemitério de Pistoia (CRMCP), órgão responsável por tornar real o retorno dos heróis ao Brasil. Estava sobre seus ombros o dever de constituir meios para o traslado dos despojos daqueles sepultados em Pistoia e dar aos familiares o devido acesso a eles em solo pátrio, tornando-os ícones reconhecidos por sua gente.

A comissão inaugurou seus trabalhos em 27 de novembro de 1952, sob a presidência do comandante da FEB e renomados integrantes. Guiados pelo ímpeto dos guerreiros que representavam,

constituem-se, a partir de então, homens devotados ao “sagrado ofício”: o de repatriar os heróis ao lar.

Visando ao sucesso dos trabalhos da CRMCP, foram criadas subcomissões, as quais atuaram em frentes distintas, a saber: encontrar um local na antiga Capital Federal para o descanso dos soldados inumados, a constituição de um concurso nacional para apresentação de projeto arquitetônico da construção do mausoléu e, por sua vez, a preparação para o traslado ao Brasil dos sepultados na Itália.

Os trabalhos da CRMCP tiveram seu apogeu em dezembro de 1960, com a chegada dos despojos dos combatentes brasileiros em solo pátrio, após a conclusão das obras do tão sonhado local de descanso dos heróis. O Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial tornou realidade tudo o que foi planejado em vida pelo eterno comandante expedicionário.

O monumento foi inaugurado em 5 de agosto de 1960, após três longos anos de construção, sob a coordenação dos arquitetos Hélio Ribas Marinho e Marcos Konder Neto, os quais o projetaram para ser o local que estivesse à altura do que ele abrigaria.

Em cerimônia de grande vulto, jamais vista na cidade do Rio de Janeiro, desde o regresso dos pracinhas vivos em 1945, o cortejo fúnebre, com as urnas contendo os despojos dos heróis nacionais, partiu do Palácio Tiradentes, em 22 de dezembro de 1960. Estava à sua frente seu eterno comandante, acompanhado por ex-combatentes, autoridades civis, militares, familiares e inumerável multidão silenciosa e contrita, homenageando os heróis rumo ao seu local definitivo, onde permanecem até os dias atuais.

Em suas palavras aos heróis que derramaram seu sangue na guerra, por ocasião da inauguração do Túmulo do Soldado Desconhecido, o então presidente Juscelino Kubitscheck sintetizou a importância do retorno deles ao Brasil: “o Brasil precisava de seus mortos, como exemplo para os vivos”.¹²

Cumprindo seu mais importante desejo, desde sua volta do front, o marechal Mascarenhas de Moraes finalizou sua obra, trazendo-os de volta ao lar, permitindo o reconhecimento àqueles sacrificados pela causa maior: a defesa do Brasil e a liberdade dos povos.

Conclusão

O Brasil respondeu às agressões sofridas em 1942 pelas nações do Eixo. Em solo italiano, foram meses intensos de lutas contra o nazifascismo, até a gloriosa vitória aliada em 8 de maio de 1945, porém ao custo de centenas de heróis nacionais, que estavam sepultados até 1960 na Itália.

O Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia foi transformado por ocasião do traslado dos pracinhas inumados ao Brasil e, em seu lugar, foi erguido o Monumento Votivo Militar Brasileiro. Nesse sagrado terreno, é mantido o espírito que cultua a memória do valor do soldado brasileiro, onde permanece até

os dias atuais um “Soldado Desconhecido” da FEB.

O reconhecimento dos brasileiros aos seus conterrâneos sacrificados pela liberdade dos povos, o número de baixas da FEB e o prestígio militar e social do comandante da Força Expedicionária Brasileira são elementos formadores do sucesso em repatriar os mortos de Pistoia.

Findada a luta das armas, o marechal permaneceu em campo em prol dos seus comandados. Foi o seu incansável trabalho, por quase uma década, no âmbito político e militar, junto aos chefes do Executivo e Legislativo, o fator preponderante para repatriar os pracinhas de Pistoia à mãe-pátria.

Diferentemente de outras nações, o Brasil decidiu trazer seus “heróis imolados”, cumprindo o intento de seu eterno comandante, coroando-o por seu justo labor, e em reconhecimento pelos sacrifícios prestados ao seu país e por um mundo livre, tornando-os ícones do significado de patriotismo e cumprimento do dever para as futuras gerações, e aclamados por sua gente em sua própria nação.

Referências

ADITÂNCIA DO EXÉRCITO JUNTO À EMBAIXADA DO BRASIL NA ITÁLIA. **O Monumento Votivo Militar Brasileiro**. 2020. Disponível em: <<https://adiexitalia.org/index.php/pt/monumento-votivo>>. Acesso em: 18 out 2022.

ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. Rio de Janeiro. Seção de Arquivos Escritos. Acervo FEB. **Relatório das Atividades e Trabalhos Realizados pelo Pelotão de Sepultamento no Teatro de Operações na Itália**. 1945.

BIOSCA, Fernando Lavaquial. **A Intendência no Teatro de Operações da Itália**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2020.

BRASIL. Lei nº 1.488, de 10 de Dezembro de 1951. **Investe no posto de Marechal do Exército o Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/930-1949/l288.htm>. Acesso em: 8 ago 2022.

BRASIL. Lei nº 288, de 8 de junho de 1948. **Concede vantagens a militares e civis que participaram de operações de guerra**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L1488.htm>. Acesso em: 8 ago 2022.

JUNIOR, Frank D. MacCan. **A aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

MATTOS, Carlos de Meira. **O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época – vol. II**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1983.

FERNANDES, Fernando Lourenço. **Os Incursores**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2013.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: BIBLIEEx, 2005.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **Memórias** – 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2014.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

Notas

¹ Aditânciam do Exército junto à Embaixada do Brasil na Itália. **O Monumento Votivo Militar Brasileiro**. 2020.

² Frase do comentarista político José Eduardo de Macedo Soares, ao descrever a chegada dos pracinhas na Itália para lutarem contra o nazifacismo.

³ Conforme registro do livro de sepultamento do 1º Pelotão de Sepultamento da FEB.

⁴ O Pelotão Especial era constituído por elementos de várias unidades do 1º escalão da FEB, conforme ordem expedida no Aviso Reservado nº 333.299, de 4 de julho de 1944 e era subordinado ao Serviço de Intendência da FEB.

⁵ Tropa do V Exército Americano responsável pelos serviços de sepultamento.

⁶ AHEX. Relatório da CRMCP de dezembro de 1960 e Relatório do 1º Pelotão de Sepultamento da FEB.

⁷ Em 9 de julho de 1945, por ocasião do seu regresso ao Brasil, o comandante da FEB fez questão de visitar os “Campos de Guararapes”, nascedouro da nacionalidade, onde proferiu patriótico discurso reverenciando os “guerreiros brasileiros” que naquele solo lutaram e inspiraram os “guerreiros” da FEB durante os combates na Itália.

⁸ A FEB desfilou, em 18 de julho, pelas ruas do Rio de Janeiro, sendo saudada pelos presentes ao evento de consagração dos pracinhas. O desfile dos vitoriosos brasileiros recebeu esse nome em alusão ao Dia da Vitória aliada na guerra.

⁹ Em abril de 1946, recebeu do povo do Rio Grande do Sul, em sua homenagem, uma “espada de ouro”. No final de 1946, recebe homenagens da Assembleia Constituinte, que, posteriormente, permitiria sua ascensão ao posto de marechal. Em 8 de maio de 1947, recebeu o título de cidadão carioca honorário, concedido pela ALERJ.

¹⁰ Lei nº 288, de 8 de junho de 1948, que concedeu vantagens a militares e civis que participaram de operações de guerra; e Lei nº 1.488, de 10 de dezembro de 1951, que investe no posto de marechal do Exército o general Mascarenhas de Moraes.

¹¹ Frase do marechal Mascarenhas de Moraes sobre o significado de repatriar os despojos dos soldados da FEB ao Brasil.

¹² *ibidem*